

62

Discernimento

*Reunião pública de 26-8-60.
Questão n.º 216.*

Encarecendo a prática do bem por base da co-
operação com os instrutores desencarnados, no cam-
po mediúnico, não será lícito esquecer o imperativo
da educação.

Não somente ajudar, mas também discernir.

Não apenas derramar sentimentos como quem
faz do peito cofre aberto, atirando preciosidades a
esmo, mas articular raciocínios, aprendendo que a
cabeça não é simples ornamento do corpo.

Coração e cérebro, sintonizados na criatura,
assemelham-se de algum modo ao pêndulo e ao
mostrador no relógio. O coração, à maneira do
pêndulo, marca as pulsações da vida; entretanto, o
cérebro, simbolizando o mostrador, estabelece as
indicações. No trabalho em que se conjugam, um
não vai sem o outro.

*

Tornemos ao domínio da imagem, para clareza
do assunto.

Operário relapso não encontra chefe nobre.

Escrevente inculto não se laureia em provas
de competência.

Enfermeiro bisonho complica a assistência mé-
dica.

Aluno vadio é problema para o professor.

Na mediunidade, quanto em qualquer outro
gênero de serviço, é indispensável que o colabora-
dor se interesse pela melhoria dos próprios conhe-
cimentos, a fim de valorizar o amparo que o va-
loriza.

*

Tarefa mediúnica sustentada através do tempo
não brota da personalidade. Exige burilamento,
disciplina, renúncia e suor.

A educação confere discernimento. E o discer-
nimento é a luz que nos ensina a fazer bem todo
o bem que precisamos fazer.

E' por isso que Jesus avisou no Evangelho:
"Brilhe a vossa luz diante dos homens para que os
homens vejam as vossas boas obras." E' ainda pela
mesma razão que o Espírito da Verdade recomen-
dou a Allan Kardec gravasse na Codificação do
Espiritismo a inolvidável advertência: "Espíritos,
amai-vos! — eis o primeiro ensino. Instruí-vos! —
eis o segundo."

